

LIEV TOLSTÓI GUERRA E PAZ

TRADUÇÃO REVISTA, APRESENTAÇÃO E NOTAS
Rubens Figueiredo

POSFÁCIOS
Liev Tolstói e Isaiah Berlin

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução © 2017 by Rubens Figueiredo

Copyright da segunda edição de “O porco-espínho e a raposa” © 1951, 1953 by Isaiah Berlin.
Publicado pela primeira vez por Weidenfeld & Nicolson Ltd. em 1953.
Copyright da segunda edição de “O porco-espínho e a raposa” © 2013 by The Isaiah Berlin Literary Trust e Henry Hardy

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Война и мир

Capa e projeto gráfico

Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

Ilustração de capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Crédito da guarda

Manuscritos de Liev Tolstói, Tomo 3, Terceira Parte, capítulo xvii, do volume 16 das *Obras Completas* em 90 volumes. Moscou: Editora estatal de literatura artística, 1955.

Mapas

Sonia Vaz

Revisão

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolstói, Liev, 1828-1910

Guerra e paz / Liev Tolstói; tradução revista,
apresentação e notas Rubens Figueiredo ; posfácios
Liev Tolstói, Isaiah Berlin. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2017.

Título original : Война и мир.

ISBN 978-85-359-3004-7

1. Romance russo I. Figueiredo, Rubens. II. Berlin, Isaiah
III. Título.

17-07975

CDD-891.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura russa 891.73

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

**GUERRA
E PAZ
VOLUME UM**

Volume 1

Apresentação — Rubens Figueiredo 8

Tomo I

Primeira parte 13

Segunda parte 140

Terceira parte 244

Tomo II

Primeira parte 353

Segunda parte 411

Terceira parte 495

Quarta parte 577

Quinta parte 631

**Lista de personagens e
fatos históricos 708**

Mapas 724

Volume 2

Tomo III

Primeira parte 737

Segunda parte 829

Terceira parte 989

Tomo IV

Primeira parte 1116

Segunda parte 1176

Terceira parte 1228

Quarta parte 1280

Epílogo

Primeira parte 1339

Segunda parte 1397

Mapas 1439

**Lista de personagens e
fatos históricos** 1442

**Algumas palavras sobre o livro
Guerra e paz — Liev Tolstói** 1457

**O porco-espinho e a
raposa — Isaiah Berlin** 1466

Sobre o autor 1527

Sugestões de leitura 1530

APRESENTAÇÃO

Rubens Figueiredo

Tolstói escreveu *Guerra e paz* entre 1863 e 1869, em sua propriedade rural. Havia se casado no ano anterior e tinha 35 anos quando começou a redigir o livro. Seu plano inicial era um romance sobre os chamados decembristas, grupo de oficiais e nobres revolucionários, influenciados pelo Iluminismo francês, que em dezembro de 1825 desencadearam um movimento contra o tsar Nicolau I.

Como de hábito, Tolstói pesquisou a fundo o assunto, não só em textos como por meio de testemunhos orais colhidos pessoalmente. Concluiu que, para tratar dos decembristas, era preciso recuar no tempo e remontar ao ano de 1812, quando a invasão napoleônica foi rechaçada do solo russo. Todavia, num desdobramento bem expressivo de seu ânimo questionador, Tolstói se convenceu de que era necessário ainda retroceder até 1805, ano em que as tropas napoleônicas derrotaram de forma arrasadora as forças austro-russas na batalha de Austerlitz.

Durante os primeiros anos de trabalho, o título do livro foi 1805. À medida que o romance incorporava novos temas e ampliava sua abrangência histórica, o título passou a desagradar ao autor. Em sua busca de outro título, Tolstói topou com a solução na obra do sociólogo anarquista francês Proudhon intitulada *La Guerre et la paix* (1861), e adotou-a de imediato. Foi esse o título da primeira edição em livro, em 1867, que trouxe a público as partes iniciais do romance, ainda em andamento.

Planejar um livro sobre um importante movimento revolucionário russo e incorporar o título do tratado de um teórico anarquista contemporâneo, a quem aliás visitou na França, não são acasos. O pai de Tolstói tinha amigos que participaram ativamente do movimento dos decembristas. A feição anarquista das críticas de Tolstói ao capitalismo, que era então introduzido na Rússia, remonta à sua mo-

cidade, e, enquanto compunha *Guerra e paz*, ele escreveu nos cadernos em que sempre anotava suas reflexões: “A fórmula *propriedade é igual a roubo* permanecerá verdadeira por mais tempo do que a Constituição inglesa”.

É importante ter em mente que a servidão tinha sido abolida na Rússia pouco antes, em 1861. Os pesados ônus impostos aos servos, porém, geraram uma grave crise social e uma grande agitação no país. Os debates políticos adquiriram um teor mais radical, tendo à frente os intelectuais conhecidos como os “homens dos 60”. Entre eles se destacavam figuras de tenacidade heroica, como Tchernichévski.

Na universidade de Kazan, em sua adolescência, Tolstói se impressionara com as aulas do professor D. I. Meyer. Além de ter exercido influência direta sobre Tchernichévski, que o tinha como ídolo, Meyer foi estreitamente ligado a Bielínski, o principal mentor dos intelectuais russos da primeira metade do século XIX, sobre os quais pairava a sombra constante do movimento decembrista.

Ao longo de toda a vida, as preocupações de Tolstói estiveram muito longe de se restringir a suas atividades de escritor. Basta observar que, anos antes de começar a escrever *Guerra e paz*, ele se dedicara a fundo a atividades educacionais com os camponeses. Criou escolas, lecionou, estudou e debateu com pedagogos, viajou para fazer pesquisas e em 1862 publicou um livro cujo título não deixa dúvidas quanto à sua orientação geral: *Quem deve aprender a escrever com quem: as crianças camponesas devem aprender conosco ou nós, com as crianças camponesas?*

Para lecionar em suas escolas, chamou estudantes expulsos das universidades por conta de uma rebelião estudantil contra uma lei que exigia uma espécie de cadastro policial com dados pessoais dos alunos. Nessa ocasião, a casa de Tolstói foi invadida e vasculhada pela polícia, em busca de panfletos e manifestos. Em tais circunstâncias, e a exemplo dos demais escritores russos, a atividade literária de Tolstói não constituía uma ocasião de retiro ou de isolamento do mundo histórico. Ao contrário, a ficção representava um ambiente mental em que o ânimo inquieto e questionador de Tolstói se projetava com uma desenvoltura especial, em condições propícias para alargar continuamente seu horizonte.

É o que se pode perceber nessa fase de seu romance ainda em projeto. Pois o deslocamento de um tópico especificamente nacional — os decembristas — para outro de alcance internacional — as guerras napoleônicas e a invasão da Rússia — permitiu que Tolstói direcionasse suas indagações para temas mais vastos e complexos, temas no mínimo incomuns na literatura da época. A mesma visão crítica com que ele examinava as relações sociais nacionais podia agora incidir, de forma direta, sobre o sistema de relações internacionais — assunto, de resto, crucial para a Rússia. Ao se colocar nessa perspectiva, e enquanto redigia o ro-

mance, Tolstói viu as questões, mesmo as mais pessoais e cotidianas, ganharem um significado e um alcance histórico cada vez mais largos.

Assim, desde os rascunhos, os personagens são encarados não só no plano pessoal e familiar, mas também em função da maneira como viam Napoleão e a posição da Rússia no mundo. Noutras palavras, eram encarados em relação ao contexto internacional. A presença ostensiva da língua francesa no cotidiano das famílias nobres e instruídas funciona no romance como um dos muitos índices das pressões externas sobre a vida social russa. A rigor, o peso da língua francesa desde as primeiras páginas do romance mostra que a Rússia já era um país invadido antes mesmo da chegada das tropas de Napoleão.

Ressalte-se que talvez o principal personagem de *Guerra e paz* é chamado de Pierre, tradução francesa de seu nome russo, Piotr. A certa altura ele mesmo admite a “falta de costume de falar em russo a respeito de temas abstratos”. Mas é esse mesmo Pierre que, ao final do romance, surge como a imagem de um decembrista em embrião. Por outro lado, quando soldados e altos oficiais das tropas de Napoleão chamam as igrejas e catedrais russas de mesquitas e de pagodes chineses, fica claro não só o desconhecimento a respeito da Rússia e a equiparação do país a nações tidas como bárbaras, como também o fundo falso das pretensões de superioridade dos invasores.

O dinamismo com que a narrativa de Tolstói muda de perspectiva, abandonando os pressupostos de uma visão de mundo para adotar outros, com uma simples mudança de parágrafo, constitui um dos pontos fortes de sua técnica. Assim o leitor passa do soldado russo para o francês, do camponês para o senhor de terras, da filha para o pai, e até animais são envolvidos nesse deslocamento incessante. O efeito inicial é desfazer as hierarquias e anular as distâncias. O sentido mais duradouro, porém, consiste em pôr em dúvida crenças e postulados mentais tidos como naturais, universais e eternos.

Nesse aspecto, uma passagem marcante se encontra no tomo III, segunda parte, capítulo VII, quando um servo russo é capturado pelos franceses e acaba travando uma conversa com Napoleão. Tolstói extraiu o episódio da obra do historiador francês Thiers, que enaltece o poder e a suposta genialidade de Napoleão. Tolstói, em troca, mostra a cena e seus desdobramentos do ponto de vista do servo russo, perspectiva em que tudo adquire um sentido bem diverso. Ganham relevo a debilidade do poder, os preconceitos e a estreiteza do suposto gênio e também a complexidade e a força das razões de uma sociedade que o dominador quer ver como inferior.

Num comentário a *Guerra e paz*, Tolstói ponderou que as obras mais rele-

vantes de autores russos não se subordinavam ao formato dos modelos literários europeus. Ele mesmo admitia que seu livro não era um romance, nem um poema, nem uma crônica histórica, mas “aquilo que quis e pôde expressar seu autor, na forma em que foi expresso”. Desde jovem (e não só na velhice, como tanto se repete), Tolstói teve sérias reservas quanto à literatura e à arte prestigiosas entre a elite russa — cujo modelo estava configurado na arte europeia. Como escreveu na época de *Guerra e paz*, não lhe agradava a forma canônica do romance, “com começo intrigante, crescente compilação do interesse e desfecho feliz ou infeliz, depois do qual o interesse da história desaparece”. Em detalhes de composição dessa ordem, Tolstói enxergava na arte a presença de um profundo compromisso com as relações sociais vigentes.

Também por isso é preciso pensar duas vezes antes de acatar as ressalvas de muitos críticos acerca das digressões sobre os historiadores e a historiografia que Tolstói enfeiou nos dois epílogos de *Guerra e paz*. Flaubert, que leu a tradução francesa enviada por Turguêniev, admirou-se muito com o romance, porém se mostrou escandalizado com essa face de Tolstói: “Mas ele filosofa!”. O fundo da questão é que Tolstói rejeita exatamente o padrão flaubertiano do romance, bem como a noção de arte que aquele padrão implica. Ou pelo menos, e com perfeita consciência do que está fazendo, Tolstói tenta encontrar um meio de resistir às normas daquele padrão.

Quanto ao conteúdo da polêmica com que o livro se encerra, cabe frisar que algumas preocupações de Tolstói são bem mais pertinentes e atuais do que gostariam de admitir aqueles que preferem ver no escritor russo um gênio das letras mas um pensador simplório. Por exemplo, Tolstói mostra como os países dominantes se empenham em apresentar como verdades universais ou naturais aquilo que não passa de conceitos históricos locais e particulares, convenientes a suas pretensões de domínio. Nas palavras do autor: “[...] o bem da civilização de toda a humanidade, palavras com que em geral se designam os povos que ocupam um pequeno recanto a noroeste do grande continente”. O “pequeno recanto a noroeste do grande continente” coincide com Inglaterra, França e Alemanha. O “grande continente” parece ser a Europa e a Ásia tomadas como um só bloco geográfico — o que faz da separação entre Europa e Ásia uma mera convenção imposta por quem tinha poder para tanto.

Esta tradução, feita diretamente do original russo, teve o propósito de preservar, o mais possível, os traços linguísticos relevantes para o autor. Entre eles estão as repetições de palavras, expressões e estruturas sintáticas. Por exemplo, no tomo I, segunda parte, capítulo VIII, a palavra “ponte” é repetida com proposta insistência, durante uma batalha que ocorre numa ponte. É o caso também

dos períodos de longo fôlego, que por vezes beiram o truncamento da sintaxe — como se a prosa reproduzisse as hesitações do próprio pensamento. Ou a maneira como Tolstói às vezes distribui a fala dos personagens e a intervenção do narrador nos diálogos, optando por caminhos bem diversos dos que usariámos hoje em dia. Além disso, há o cuidado em marcar as diferenças sociais por meio do linguajar dos personagens. Também nesses aspectos, Tolstói se esforça para não se submeter à norma estilística dominante de seu tempo, tanto a que vigorava nas chamadas belas-letras quanto aquela que prezava a escrita funcional e eficiente.

Pois tanto na linguagem como na forma de ver a sociedade, Tolstói parecia ter certo prazer em se mostrar um pouco bárbaro — um bárbaro na casa dos civilizados. Se ele gostava de caminhar descalço na terra, de andar a cavalo sem sela, e se preferia conversar com mujiques analfabetos a falar com pessoas nobres e instruídas — preferência de que tanto se queixava sua esposa, ainda pouco depois de se casar —, talvez não caiba a nós, nas condições históricas que nos rodeiam, fazer pouco dos momentos de possível falta de civilidade e de fineza literárias desse escritor russo.

TOMO UM PRIMEIRA PARTE



I

— *Eh bien, mon prince. Gênes et Lucques ne sont plus que des apanages, des propriétades, de la famille Buonaparte. Non, je vous préviens, que si vous ne me dites pas, que nous avons la guerre, si vous nous permettez encore de pallier toutes les infamies, toutes les atrocités de cet Antéchrist (ma parole, j'y crois), je ne vous connais plus, vous n'êtes plus mon ami, vous n'êtes plus meu fiel escravo, comme vous dites.* Bem, boa noite, boa noite. *Je vois que je vous fais peur,*¹ sente-se e conte-me as novidades.

Assim falou em julho do ano de 1805 a famosa Anna Pávlovna Scherer, dama de honra e favorita da imperatriz Maria Fiódorovna, ao receber o ilustre e eminentíssimo príncipe² Vassíli, o primeiro a chegar à sua recepção. Anna Pávlovna tossia um pouco havia alguns dias, estava com *gripe*, como ela dizia (“gripe” era então uma palavra nova, só raramente empregada). Nos bilhetinhos, enviados naquela manhã por um lacaio em trajes de gala, estava escrito para todos, sem distinção:

Si vous n'avez rien de mieux à faire, M. le comte (ou mon prince), et si la perspective de passer la soirée chez une pauvre malade ne vous effraye pas trop, je serai charmée de vous voir chez moi entre sept et dix heures. Annette Scherer.³

¹ Francês: “Bem, meu príncipe. Gênova e Luca não passam de apanágios, *propriedades* da família *Buonaparte*. Não, eu o advirto que, se me diz que não teremos guerra, se o senhor se permitir ainda abrandar todas as infâmias, todas as atrocidades desse Anticristo (palavra de honra, creio nisso), eu não o reconheço mais, o senhor não é mais meu amigo, não é mais meu fiel escravo, como diz o senhor. [...] Vejo que eu o assusto.” Como em todas as passagens em francês nesta edição, reproduz-se o texto tal como está no original de Tolstói, respeitando a mesma pontuação, que pode não seguir as normas do francês, mas segue as do russo. [Esta e as demais notas são do tradutor, exceto quando indicado de outro modo.]

² Na Rússia, príncipe era um título de nobreza, equivalente ao de duque. Não tem relação com a família real. O filho do tsar não era chamado de príncipe, e sim de tsarévitche.

³ Francês: “Se o senhor não tiver nada melhor a fazer, sr. conde (ou meu príncipe), e se a perspectiva de passar a noite em casa de uma pobre enferma não o assusta em demasia, ficarei encantada de receber o senhor em minha casa entre sete e dez horas. Annette Scherer”.

— *Dieu, quelle virulente sortie!*⁴ — respondeu o príncipe que chegara, sem perturbar-se em nada com tal acolhida, num uniforme bordado de cortesão, com meias, sapatos, medalhas em forma de estrela no peito, uma expressão radiante no rosto chato. Falava naquele francês requintado em que não só falavam como também pensavam nossos avós e com as entonações suaves, protetoras, próprias de um homem importante que envelheceu na sociedade e na corte. Ele aproximou-se de Anna Pávlovna, beijou sua mão, mostrando-lhe a calva perfumada e reluzente, e sentou-se com tranquilidade no sofá.

— *Avant tout dites-moi, comment vous allez, chère amie?*⁵ Tranquilize um amigo — disse ele, sem alterar a voz e o tom em que, por trás do decoro e da simpatia, transpareciam a indiferença e até a zombaria.

— Como é possível estar saudável... quando se sofre moralmente? Acaso é possível estar calma em nosso tempo, se a pessoa tem sentimentos? — disse Anna Pávlovna. — O senhor vai ficar em minha casa a noite toda, espero.

— E a festa da embaixada inglesa? Hoje é quarta-feira. Tenho de comparecer — disse o príncipe. — Minha filha virá me buscar e me levará.

— Pensei que a festa de hoje tinha sido cancelada. *Je vous avoue que toutes ces fêtes et tous ces feux d'artifice commencent à devenir insipides.*⁶

— Se soubessem que a senhora assim o desejava, teriam cancelado a festa — respondeu o príncipe, que por hábito, como um relógio em que tivessem dado corda, dizia coisas em que nem mesmo ele queria que os outros acreditassem.

— *Ne me tourmentez pas. Eh bien, qu'a-t-on décidé par rapport à la dépêche de Novosilzoff? Vous savez tout.*⁷

— Como vou dizer à senhora? — respondeu o príncipe em tom frio e enfadado. — *Qu'a-t-on décidé? On a décidé que Buonaparte a brûlé ses vaisseaux, et je crois que nous sommes en train de brûler les nôtres.*⁸ — O príncipe Vassíli sempre falava com languidez, como um ator que representa um papel numa peça antiga. Anna Pávlovna Scherer, ao contrário, apesar de seus quarenta anos, era cheia de animação e arrebatamento.

4 Francês: “Deus, que investida virulenta!”.

5 Francês: “Antes de tudo, diga-me, como tem passado, querida amiga?”.

6 Francês: “Confesso ao senhor que todas essas festas e todos esses fogos de artifício começam a tornar-se insípidos”.

7 Francês: “Não me atormente. E então, o que ficou resolvido com relação ao despacho de Novosiltsev? O senhor sabe de tudo”.

8 Francês: “O que ficou decidido? Ficou decidido que *Buonaparte* queimou seus navios, e creio que estamos em via de queimar os nossos”. A expressão “brûler ses vaisseaux”, ou “queimar seus navios”, significa que é impossível recuar ou desistir de determinada situação.

Ser entusiasmada tornara-se o seu papel social, e às vezes, quando nem ela mesma o queria, mostrava-se entusiasmada, a fim de não frustrar a expectativa das pessoas que a conheciam. O sorriso contido que brincava constantemente no rosto de Anna Pávlovna, apesar de não combinar com seus traços animados, exprimia, como nas crianças mimadas, a plena consciência de seu adorado defeito, do qual ela não queria, não podia e não julgava necessário corrigir-se.

No meio da conversa sobre as atividades políticas, Anna Pávlovna exaltou-se.

— Ah, nem me fale da Áustria! Talvez eu não entenda nada, mas a Áustria jamais quis e não quer a guerra. Ela nos atraíçoou. A Rússia sozinha deve ser a salvadora da Europa. Nosso benfeitor sabe da sua elevada missão e será fiel a ela. É a única coisa em que acredito. Nosso bondoso e admirável soberano desempenha um papel colossal no mundo e ele é tão virtuoso e bom que Deus não vai abandoná-lo e ele há de cumprir a sua missão de esmagar a hidra da revolução, que agora está ainda mais horrenda na pessoa desse assassino e celerado. Só nós devemos redimir o sangue dos justos... Em quem vamos depositar esperanças, pergunto ao senhor... A Inglaterra, com seu espírito comercial, não comprehende e não consegue compreender toda a estatura do espírito do imperador Alexandre. Ela negou-se a evacuar Malta. Ela quer ver, procura uma intenção oculta em nossas ações. O que eles disseram a Novossiltsev?... Nada. Não comprehendem, não conseguem compreender a abnegação do nosso imperador, que nada quer para si e quer tudo pelo bem do mundo. E o que eles prometeram? Nada. E mesmo o que prometeram não vai se realizar! A Prússia já declarou que Bonaparte é invencível e toda a Europa nada pode contra ele... E eu não creio em nenhuma palavra nem de Hardenberg, nem de Haugwitz. *Cette fameuse neutralité prussienne, ce n'est qu'un piège.*⁹ Creio no único Deus e no destino elevado do nosso querido imperador. Ele salvará a Europa!... — Parou de repente, com um sorriso de zombaria do seu ardor.

— Creio — disse o príncipe, sorrindo — que se mandassem a senhora em lugar do nosso querido Wintzingerode, a senhora teria conquistado a concordância do rei prussiano. A senhora é tão eloquente. Pode me servir um chá?

— Agora mesmo. À propos — acrescentou, calma outra vez —, hoje teremos duas pessoas muito interessantes, *le vicomte de Mortmart, il est allié aux Montmorency par les Rohan*, uma das melhores famílias da França. É um dos bons emigrantes, dos autênticos. E depois *l'abbé Morio*:¹⁰ o senhor conhece essa inteligência profunda? Foi recebido pelo soberano. O senhor conhece?

⁹ Francês: “Essa famosa neutralidade prussiana não passa de uma cilada”.

¹⁰ Francês: “A propósito [...] o visconde de Mortmart, ele é parentado aos Montmorency pelos Rohan [...] o abade Morio”.

— Ah! Vou ficar muito contente — disse o príncipe. — Diga — acrescentou, como se só então tivesse lembrado algo, e de modo especialmente desatento, quando de fato aquilo que falava era o objetivo principal da sua visita —, é verdade que *l'impératrice-mère* deseja a nomeação do barão Funke para o cargo de primeiro-secretário em Viena? *C'est un pauvre sire, ce baron, à ce qu'il paraît.*¹¹ — O príncipe Vassili desejava nomear o filho para aquele cargo, para o qual outros, por intermédio da imperatriz Maria Fiódorovna, empunhavam-se em nomear o barão.

Anna Pávlovna quase fechou os olhos em sinal de que nem ela nem ninguém podia julgar algo que era do agrado e do desejo da imperatriz.

— *Monsieur le baron de Funke a été recommandé à l'impératrice-mère par sa sœur*¹² — limitou-se ela a dizer, em tom triste e seco. No momento em que Anna Pávlovna mencionou a imperatriz, seu rosto mostrou de repente uma expressão profunda e muito sincera de dedicação e respeito, misturada à tristeza, que nela surgia toda vez que, em conversa, lembrava a sua eminente protetora. Disse que sua majestade havia se dignado a demonstrar *beaucoup d'estime*¹³ pelo barão Funke e de novo o seu olhar se encobriu de tristeza.

O príncipe, com ar de indiferença, ficou calado. Anna Pávlovna, com sua habilidade feminina e sua rapidez de tato própria de uma pessoa da corte, quis alfinetar o príncipe por ter ousado referir-se de tal modo a uma pessoa recomendada à imperatriz, e ao mesmo tempo consolá-lo.

— *Mais à propos de votre famille* — disse ela —, caso o senhor ainda não saiba, sua filha, desde que frequenta a sociedade, *fait les délices de tout le monde. On la trouve belle, comme le jour.*¹⁴

O príncipe fez uma reverência em sinal de respeito e gratidão.

— Penso muitas vezes — prosseguiu Anna Pávlovna, após um minuto de silêncio, aproximando-se do príncipe e sorrindo para ele com afeição, como se com isso indicasse que as conversas políticas e mundanas estavam encerradas e que agora tinha início a conversa íntima —, penso muitas vezes como a felicidade da vida é repartida às vezes de forma injusta. Por que o destino deu ao senhor dois filhos tão excelentes (excluo Anatole, o seu caçula, dele eu não gosto) — interrompeu ela em tom peremptório, e ergueu as sobrancelhas —, filhos tão encantadores? E o senhor, francamente, preza os seus filhos menos que todos e por isso não os merece.

11 Francês: “a imperatriz-mãe [...] É uma figura lamentável, esse barão, ao que parece”.

12 Francês: “O senhor barão Funke foi recomendado à imperatriz-mãe pela irmã dela”.

13 Francês: “muita estima”.

14 Francês: “Porém, a propósito da sua família [...] faz as delícias de todo mundo. Acham-na bela como o dia”.

E ela sorriu, com o seu sorriso de triunfo.

— *Que voulez-vous? Lavater¹⁵ aurait dit que je n'ai pas la bosse de la paternité¹⁶* — disse o príncipe.

— Pare de brincar. Quis falar a sério com o senhor. Sabe, estou insatisfeita com seu filho menor. Aqui entre nós (seu rosto assumiu uma expressão triste), falaram a respeito dele com sua majestade a imperatriz e lamentaram pelo senhor...

O príncipe não respondeu, mas ela, em silêncio, fitando-o de modo significativo, aguardava a resposta. O príncipe Vassili franziu as sobrancelhas.

— O que a senhora quer que eu faça? — disse, por fim. — A senhora sabe, fiz pela educação deles tudo o que um pai pode fazer, e ambos saíram *des imbéciles*.¹⁷ Hippolyte, pelo menos, é um imbecil quieto, mas o Anatole é inquieto. Essa é a diferença — disse ele, sorrindo de modo mais artificial e animado do que de costume, exprimindo além disso, de maneira especialmente incisiva, nas rugas que se formaram nos cantos da boca, algo inesperadamente triste e desagradável.

— E para que pessoas como o senhor têm filhos? Se não fosse pai, eu nada teria a censurar no senhor — disse Anna Pávlovna, levantando os olhos com ar pensativo.

— *Je suis votre fier escravo, et à vous seule je puis l'avouer.* Meus filhos... *ce sont les entraves de mon existence.* Essa é a minha cruz. Assim explico para mim mesmo. *Que voulez-vous?...¹⁸* — Calou-se, exprimindo com um gesto a sua submissão ao destino cruel.

Anna Pávlovna ponderou um pouco.

— O senhor nunca pensou em casar o seu filho pródigo, Anatole? Dizem — prosseguiu ela — que as solteironas *ont la manie des mariages*. Ainda não sinto em mim essa fraqueza, mas sei de uma *petite personne* que vive muito infeliz com o pai, *une parente à nous, une princesse¹⁹* Bolkónskaia. — O príncipe Vassili não respondeu, porém, com a rapidez de compreensão e de memória própria a pessoas da sociedade, demonstrou com um movimento de cabeça que levaria em conta aquela informação.

— Não, a senhora deve saber que aquele Anatole me custa quarenta mil por ano — disse ele, visivelmente incapaz de conter o rumo tristonho dos seus pensa-

15 Johann Kaspar Lavater (1741-1801), médico suíço que associava a fisionomia a características mentais.

16 Francês: “O que quer a senhora? Lavater diria que não tenho a vocação da paternidade”.

17 Francês: “uns imbecis”.

18 Francês: “Sou o seu fiel escravo, e só à senhora posso confessar [...] são os entraves da minha existência [...] O que quer a senhora?...”.

19 Francês: “têm mania de casamentos [...] pequenina pessoa [...] uma parente nossa, uma princesa”.

mentos. Calou-se um pouco. — O que será dele daqui a cinco anos, se continuar assim? *Voilà l'avantage d'être père.*²⁰ É rica, a sua princesa?

— O pai é muito rico e avarento. Mora no campo. Sabe, é o famoso príncipe Bolkónski, aposentado ainda no tempo do imperador falecido e chamado de rei prussiano. É um homem muito inteligente, mas difícil, e tem as suas extravagâncias. *La pauvre petite est malheureuse, comme les pierres.*²¹ Tem um irmão, casou-se há pouco tempo com Lise Meinen, ele é ajudante de ordens de Kutúzov. Virá hoje à minha casa.

— *Écoutez, chère Annette* — disse o príncipe que de repente segurou a mão da sua interlocutora e, por algum motivo, inclinou-a para baixo. — *Arrangez-moi cette affaire et je suis votre fiel escravo à tout jamais, escrafo*, como o meu estaroste *m'écrivit des*²² relatórios: com fl! Ela é de boa família e é rica. É tudo de que eu preciso.

E, com os movimentos desenvoltos, familiares e graciosos que o distinguiam, segurou a mão da dama de honra, beijou-a e, após beijá-la, apertou a mão da dama de honra e refestelou-se na poltrona, enquanto olhava para o outro lado.

— *Attendez* — disse Anna Pávlovna, enquanto refletia. — Hoje mesmo falarei com Lise (*la femme du jeune Bolkónski*). E talvez dê certo. *Ce sera dans votre famille, que je ferai mon apprentissage de vieille fille.*²³

II

A sala de visitas de Anna Pávlovna começou a encher-se aos poucos. Compareceu toda a nobreza de Petersburgo, pessoas as mais variadas pela idade e pelo caráter, mas iguais pela sociedade em que viviam; veio a filha do príncipe Vassíli, a bela Hélène, para buscar o pai a fim de irem juntos à festa do embaixador. Estava de vestido de gala e com o seu emblema de dama de honra. Veio também a jovem e pequena princesa Bolkónskaia, conhecida como *la femme la plus séduisante de Pétersbourg*,²⁴ que casara no inverno anterior e que agora não aparecia no grande mundo por causa da sua gravidez, mas ainda frequentava as reuniões pequenas.

²⁰ Francês: “Eis a vantagem de ser pai”.

²¹ Francês: “A pobre pequena é infeliz como as pedras”.

²² Francês: “Escute, querida Annette [...] Cuide desse caso para mim e serei seu fiel escravo para sempre [...] me escreve nos relatórios”.

²³ Francês: “Espere [...] a mulher do jovem Bolkónski [...] Será na família do senhor que farei o meu aprendizado de solteirona”.

²⁴ Francês: “a mulher mais sedutora de Petersburgo”.

Veio o príncipe Hippolyte, filho do príncipe Vassíli, com Mortmart, a quem apresentou, veio também o abade Morio, além de muitas outras pessoas.

— O senhor ainda não viu? — Ou: — O senhor não conhece *ma tante*?²⁵ — dizia Anna Pávlovna às visitas que chegavam e com toda a gravidade as levava até uma velhinha miúda, com grandes laços de fita, que surgira de um outro cômodo assim que os convidados começaram a chegar; dizia o nome deles, enquanto lentamente passava os olhos do convidado para *ma tante* e depois se afastava.

Todos os convidados cumpriam o ritual de cumprimentar aquela tia que ninguém queria conhecer, pela qual ninguém tinha interesse e da qual ninguém tinha necessidade. Anna Pávlovna, com uma atenção tristonha, solene, acompanhava aqueles cumprimentos, aprovando-os em silêncio. *Ma tante* dizia a todos as mesmas palavras sobre a saúde deles, sobre a sua própria saúde e sobre a saúde de sua majestade, que agora, graças a Deus, estava melhor. Todos os que se aproximavam, embora por decoro evitassem demonstrar pressa, separavam-se da velhinha com um sentimento de alívio, por já terem cumprido uma obrigação penosa e por não ser preciso aproximar-se dela mais nenhuma vez durante o resto da noite.

A jovem princesa Bolkónskaia trouxe um trabalho numa bolsa de veludo bordado em ouro. Seu bonito labiozinho superior, com um bigodinho preto quase imperceptível, era curto demais para os dentes, porém assim ficava mais gracioso quando se abria e ainda mais gracioso quando se esticava para baixo, ao encontro do lábio inferior. Como sempre acontece com mulheres em tudo atraentes, as suas imperfeições — o lábio curto e a boca entreaberta — pareciam ser a sua singularidade, o traço especial da sua beleza. Todos se alegravam em ver aquela futura mãe bonita, cheia de saúde e de vitalidade, que suportava com tanta leveza a sua condição. Os velhos e os jovens entediados, soturnos, depois devê-la, depois de ficar ao seu lado e conversar com ela por um tempo, tinham a impressão de que eles mesmos se tornavam semelhantes à princesa. Quem falava com ela e via, a cada palavra sua, o sorriso radiante e os dentes brancos e reluzentes, que se punham à mostra sem cessar, logo pensava que nesse dia estava especialmente amável. E assim pensavam todos.

A pequena princesa, virando-se com esforço, contornou a mesa em passinhos ligeiros e miúdos, com a bolsinha de trabalho na mão, e ajeitando alegremente o vestido sentou-se no divã, ao lado de um samovar de prata, como se tudo o que ela fazia fosse *part de plaisir*²⁶ para ela e para todos os que a rodeavam.

25 Francês: “minha tia”.

26 Francês: “motivo de prazer”.

— *J'ai apporté mon ouvrage* — disse ela, abrindo a bolsinha e dirigindo-se a todos ao mesmo tempo. — Veja, *Annette, ne me jouez pas un mauvais tour* — disse para a anfitriã. — *Vous m'avez écrit, que c'était une toute petite soirée; voyez, comme je suis attifée.*²⁷

E abriu os braços para mostrar-se no vestido elegante, cinza, de rendas, cingido por uma fita larga um pouco abaixo do peito.

— *Soyez tranquille, Lise, vous serez toujours la plus jolie*²⁸ — respondeu Anna Pávlovna.

— *Vous savez, mon mari m'abandonne* — continuou ela no mesmo tom, dirigindo-se a um general —, *il va se faire tuer. Dites-moi, pourquoi cette vilaine guerre?*²⁹ — disse para o príncipe Vassíli e, sem esperar a resposta, voltou-se para a filha do príncipe Vassíli, a bela Hélène.

— *Quelle délicieuse personne, que cette petite princesse!*³⁰ — disse o príncipe Vassíli, em voz baixa, para Anna Pávlovna.

Pouco depois da pequenina princesa, entrou um jovem gordo e corpulento, cabelo bem curto, de óculos, calça clara, como era moda então, colarinho alto e fraque marrom. Esse jovem corpulento era o filho ilegítimo de um famoso grão-senhor do tempo da imperatriz Catarina, o conde Bezúkhov, que estava moribundo em Moscou. Ele ainda não havia trabalhado em parte alguma, acabara de chegar do exterior, onde fora educado, e pela primeira vez estava numa reunião social. Anna Pávlovna recebeu-o com a inclinação de cabeça que dirigia às pessoas da mais baixa hierarquia em seu salão. Porém, apesar daquele cumprimento, no rosto de Anna Pávlovna, ao ver Pierre entrar, estampou-se uma inquietação e um medo semelhantes ao que se manifestam quando se está diante de algo grande demais e inadequado ao lugar. Embora Pierre fosse, de fato, um pouco maior do que os outros homens no salão, aquele medo só podia se referir ao olhar inteligente e, ao mesmo tempo, tímido, observador e natural, que o distinguiu de todos os demais naquela sala.

— *C'est bien aimable à vous, monsieur Pierre, d'être venu voir une pauvre malade*³¹ — disse Anna Pávlovna, enquanto trocava um olhar assustado com a tia, para junto de quem estava levando Pierre. O jovem resmungou algo incompreensível e

27 Francês: “Eu trouxe o meu trabalho [...] Annette, a senhora quis pregar uma peça em mim [...] A senhora me escreveu que era uma pequena reunião; veja como estou malvestida”.

28 Francês: “Fique sossegada, Liza, a senhora será sempre a mais bonita”.

29 Francês: “Sabem, o meu marido me abandona [...] ele vai se fazer matar. Diga-me, para que essa guerra horrível?”.

30 Francês: “Que pessoa encantadora essa pequenina princesa!”.

31 Francês: “É muita gentileza da sua parte, senhor Pierre, vir ver uma pobre enferma”.

continuou a procurar alguma coisa com os olhos. Sorriu com alegria e satisfação ao cumprimentar a pequena princesa com uma reverência, como se fosse uma pessoa muito próxima, e seguiu para junto da tia. O medo de Anna Pávlovna não era infundado, pois Pierre deu as costas para a tia antes de ouvir até o fim as palavras dela sobre a saúde de sua majestade. Anna Pávlovna deteve-o, assustada, com as palavras:

— O senhor não conhece o abade Morio? É um homem muito interessante... — disse ela.

— Sim, ouvi falar do seu projeto de uma paz perpétua, e isso é muito interessante, mas pouco viável...

— O senhor acha?... — disse Anna Pávlovna, para falar alguma coisa, e quis voltar-se de novo para suas ocupações de anfitriã, mas Pierre cometeu uma indelicadeza inversa. Antes, ele se afastara sem ouvir até o fim as palavras da interlocutora; agora, com a sua fala, reteve a interlocutora, que precisava deixá-lo. Pierre, de cabeça baixa e com os pés grandes afastados, pôs-se a demonstrar a Anna Pávlovna por que ele acreditava que o plano do abade era uma quimera.

— Conversaremos depois — disse Anna Pávlovna, sorrindo.

E, após separar-se do jovem que não sabia como se conduzir, voltou-se para as suas ocupações de anfitriã e continuou a escutar e a observar, pronta a prestar socorro onde quer que a conversa esmorecesse. A exemplo do patrão de uma oficina de tecelagem que, depois de instalar os operários em seus lugares, anda de um lado para o outro pela fábrica e, ao notar alguma trava ou anormalidade num fuso, que range com um som alto demais, vai até lá rapidamente, prende ou solta o mecanismo para girar na velocidade devida, assim também caminhava Anna Pávlovna em seu salão de visitas, aproximava-se de um círculo que emudecera ou que falava em excesso e, com uma palavra ou com uma troca de posições, restabelecia mais uma vez a regular e decorosa máquina de conversação. Mas, em meio a tais cuidados, via-se nela o tempo todo um medo especial em relação a Pierre. Observou-o com cuidado no momento em que ele se aproximou para ouvir o que diziam em redor de Mortmart e afastou-se rumo a um outro grupo, onde quem falava era o abade. Para Pierre, educado no exterior, aquela noite em casa de Anna Pávlovna era a primeira reunião social de que participava na Rússia. Sabia que ali se achava reunida toda a intelligentsia de Petersburgo e, como uma criança numa loja de brinquedos, não sabia o que escolher. O tempo todo, receava deixar escapar as conversas inteligentes que ali poderia escutar. Olhando para as expressões compenetradas e elegantes dos rostos ali reunidos, esperava a todo momento qualquer coisa de especialmente sábio. Por fim, aproximou-se de Morio. A conversa lhe pareceu interessante e ali Pierre se deteve, esperando uma oportunidade para expressar seus pensamentos, como os jovens gostam de fazer.

A festa de Anna Pávlovna corria às mil maravilhas. De todos os lados, os fusos zumbiam de forma regular e sem emudecer. Além da *ma tante*, perto da qual estava sentada apenas uma senhora de certa idade, de rosto magro e consumido por lágrimas, um pouco estranha àquela sociedade radiante, a festa se dividia em três círculos. Num deles, mais masculino, o centro era o abade; no outro, de jovens, eram a bela princesa Hélène, filha do príncipe Vassíli, e a pequenina princesa Bolkónskaia, bonita, corada, um pouco cheia demais para a sua idade tão jovem. No terceiro, eram Mortmart e Anna Pávlovna.

O visconde era um jovem bonito, de feições e maneiras suaves, que obviamente se considerava uma celebridade, mas por cortesia e modéstia se punha ao dispor da sociedade em que se encontrava. Anna Pávlovna, obviamente, o servia aos seus convidados. Assim como um bom *maître d'hôtel* oferece como algo excepcionalmente admirável um pedaço de carne que ninguém ia querer comer se o visse na cozinha imunda, também naquela noite Anna Pávlovna servia a seus convidados primeiro o visconde e depois o abade, como algo excepcionalmente refinado. No círculo de Mortmart, logo começaram a falar sobre a execução do duque d'Enghien.³² O visconde disse que o duque d'Enghien perecera por causa da sua magnanimidade e que existiam motivos particulares para o rancor de Bonaparte.

— Ah! *voyons. Contez-nous cela, vicomte*³³ — disse Anna Pávlovna, sentindo com alegria que naquela frase ecoava algo à la *Louis XV*. — *Contez-nous cela, vicomte*.

O visconde fez uma reverência com a cabeça em sinal de submissão e sorriu com cortesia. Anna Pávlovna formou um círculo em redor do visconde e convidiou todos a escutar o relato.

— *Le vicomte a été personnellement connu de monseigneur* — sussurrou Anna Pávlovna para um. — *Le vicomte est un parfait conteur* — afirmou para outro. — *Comme on voit l'homme de la bonne compagnie*³⁴ — disse ela para um terceiro; e o visconde foi servido à sociedade sob a luz mais elegante e vantajosa para ele, como um rosbife numa travessa bem quente, guarnecido com verduras.

O visconde queria começar logo o seu relato e sorria de modo sutil.

³² O duque d'Enghien foi morto em 1804, acusado de conspirar contra Napoleão.

³³ Francês: “Ah!, vamos. Conte-nos isso, visconde”.

³⁴ Francês: “O visconde conheceu pessoalmente o monsenhor [...] O visconde é um ótimo contador de histórias [...] Vê-se logo que é um homem da boa sociedade”.

— Venha cá, *chère Hélène*³⁵ — disse Anna Pávlovna para a bela princesa, que estava sentada mais distante e ocupava o centro de um outro círculo.

A princesa Hélène sorriu; levantou-se com o mesmo sorriso imutável de uma mulher bela em tudo, com o qual havia entrado no salão. Com um leve rumor do vestido branco de baile, enfeitado com hera e musgo, e radiante com a brancura dos ombros, o lustro dos cabelos e dos brilhantes, ela passou em linha reta no meio dos homens, que lhe abriram caminho, sem olhar para ninguém, mas sem parar de sorrir e como que concedendo amavelmente a todos o direito de admirar a beleza do seu talhe, dos ombros fartos, do peito e das costas muito descobertos, como então era moda, e, parecendo levar consigo o brilho do baile, aproximou-se de Anna Pávlovna. Hélène era tão bonita que não só não se percebia nela o menor traço de coquetismo como, ao contrário, ela parecia ter vergonha de sua beleza incontestável, que produzia um efeito forte e triunfante demais. Hélène parecia querer e não conseguir atenuar o efeito de sua beleza. *Quelle belle personne!*,³⁶ diziam todos que a viam.

Como que espantado por algo fora do comum, o visconde encolheu os ombros e baixou os olhos no momento em que ela sentou à sua frente e o iluminou também com aquele mesmo sorriso imutável.

— *Madame, je crains pour mes moyens devant un pareil auditoire*³⁷ — disse ele, curvando a cabeça com um sorriso.

A princesa apoiou o braço farto e desnudo sobre a mesinha e não julgou necessário falar nada. Sorrindo, aguardava. Durante todo o tempo do relato, ficou sentada bem reta, de vez em quando olhava ora para o seu braço farto e bonito, que pela pressão da mesa mudara de feitio, ora para o seu peito, ainda mais bonito, onde ajeitava o colar de brilhantes; volta e meia ajeitava as pregas do vestido e, quando o relato causava mais impressão, olhava para Anna Pávlovna e prontamente assumia a mesma expressão que estava no rosto da dama de honra, e depois de novo se acalmava num sorriso radiante. A pequenina princesa também havia deixado a mesa de chá e viera atrás de Hélène.

— *Attendez-moi, je vais prendre mon ouvrage* — disse ela. — *Voyons, à quoi pensez-vous?*³⁸ — Voltou-se para o príncipe Hippolyte: — *Apportez-moi mon réticule.*

35 Francês: “querida Hélène”.

36 Francês: “Que pessoa encantadora!”.

37 Francês: “Senhora, temo por meu talento, diante de tal plateia”.

38 Francês: “Esperem, vou pegar o meu trabalho [...] Ora, o que o senhor está pensando? [...] Traga a minha bolsa”.